

“MEU DEUS! MEU DEUS! ESTÁ EXTINTA A ESCRAVIDÃO?”: UM ESTUDO LINGUÍSTICO NO SAMBA-ENREDO DA PARAÍSO DO TUIUTI

Daniel da Rocha Silva

Pós-graduando em Linguística Aplicada na Educação (Instituto Graduarte), Tobias Barreto, Sergipe, Brasil.

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir o surgimento e o significado de algumas palavras incomuns no cotidiano do português brasileiro presentes no sambanredo da escola de samba carioca Paraíso do Tuiuti. A metodologia consiste em uma pesquisa bibliográfica, visto que parte de material científico já publicado por outros pesquisadores. Os fundamentos teóricos são constituídos por: Brasil (1988), Aragão (2011), Mendonça (2012), além de outras que agregam a esta produção. Considera-se que a influência africana na formação do português brasileiro deve ser mais discutida, inclusive nas salas de aula, no intuito de um maior reconhecimento da importância dos povos africanos na constituição dos costumes brasileiros.

PALAVRAS-CHAVE: Escravidão. Africanismo. Linguística.

ABSTRACT: This work aims to discuss the emergence and the meaning of some unusual words in the daily life of the Brazilian Portuguese present in the samba-plot of the samba school of Rio de Janeiro Paraíso do Tuiuti. The methodology consists of a bibliographical research, since part of scientific material already published by other researchers. The theoretical foundations are: Brazil (1988), Aragão (2011), Mendonça (2012), and others that add to this production. It is considered that the influence african in the formation of Brazilian Portuguese should be more discussed, including in classrooms, in order to better recognize the importance of African peoples in the constitution of Brazilian customs.

KEYWORDS: Slavery. Africanism. Linguistics.

INTRODUÇÃO

É sabido que o Brasil passou por um processo nefasto de escravidão, período este que é considerado o mais perverso da formação histórica do país. Os negros eram obrigados a vir ao Brasil e eram submetidos aos trabalhos forçados pelos senhores de engenho interessados cada vez mais em aumentar suas riquezas.

O tráfico de escravos foi acentuado durante os séculos XVI e XIX. Estima-se que nesse período vieram cerca de 5 milhões de africanos de diversos países para serem escravizados no Brasil, como bem afirma Castro (s.d.). Ainda, conforme a mesma autora, representavam duas

regiões africanas: a “banto” e a “oeste-africana ou sudanesa”, ambas dentro da chamada África Subsaariana. É diante da estatística supracitada que é possível afirmar a heterogeneidade linguística de seus falantes, até porque no continente africano há mais de 2.000 línguas faladas. Nesse sentido, trouxeram ao Brasil não apenas sua força física e seu trabalho árduo, mas também, e principalmente, seus costumes, dentre os quais, os linguísticos.

A influência dos léxicos africanos no Brasil é indiscutível, porém, pouco perceptível ao senso comum. É diante dessa problemática que este trabalho objetiva discutir a presença africana no português brasileiro; ainda, proporcionar um conhecimento acerca de palavras específicas presentes no samba-enredo da Paraíso do Tuiuti e promover uma maior discussão sobre o que se fala, de onde veio e porquê.

O Grêmio Recreativo Escola de Samba Paraíso do Tuiuti (G. R. E. S. P. T.) foi fundado em 5 de abril de 1952, com sede no Bairro São Cristóvão, zona norte do Rio de Janeiro – RJ. A escola nunca foi campeã do tradicional e retumbante carnaval carioca. No entanto, em 2018, alavancou aplausos do público e da crítica em decorrência de seu samba-enredo, o que viria a ser um vice-campeonato inédito em sua trajetória.

Esta pesquisa justifica-se pela importância de discussões que ressaltem a permanência dos africanismos na linguagem brasileira, de suas ramificações às suas palavras completas que por aqui estão. Ainda, enaltecer o significado do povo africano na formação do Brasil. Portanto, é relevante por trazer um debate linguístico caracterizado pela heterogeneidade que constitui o português brasileiro. Nesse sentido, é pretendido também servir como base teórica para possíveis estudos que abordem tal questionamento.

Os principais fundamentos teóricos são: Aragão (2011) que faz uma abordagem acerca dos africanismos; Mendonça (2012) com o trabalho intitulado “A influência africana no português do Brasil”; Yeda Pessoa de Castro, considerada a referência de estudos acerca dos africanismos no Brasil, a pesquisadora agrega a esta discussão através do trabalho “A influência das línguas africanas no português brasileiro”, dentre outros que enriquecem ainda mais este debate.

Os escravos foram arrancados de suas origens e, ao chegar ao Brasil, representavam várias regiões africanas. Assim, em meio à essa diversidade, e com o contato linguístico com os povos nativos, surgem palavras típicas de países da África enquanto que outras se misturam à língua materna.

AFRICANISMOS

Quando se fala em África e/ou em seu gentílico logo se pensa no processo de escravidão pelo qual foram submetidos. É diante e por conta dessa pútrida realidade que pouco se reconhece a herança cultural originária de seu povo. Desse modo, as pesquisas sobre este tema surgiram tardiamente, antes disso, não tinham caráter científico.

Os trabalhos sobre a influência dos falares africanos na língua portuguesa tiveram início no século XIX. Porém, poucos são os estudos e análises sobre a influência africana na cultura brasileira, a não ser em áreas específicas como a antropologia, a etnologia e, mais especificamente, o folclore, sobretudo em certas regiões do país, como a Bahia, por exemplo. (ARAGÃO, 2011, p. 7).

A demora em valorizar essa particularidade presente na nossa linguística deixou uma lacuna nessa ciência em específico, a partir do momento em que os registros se perderam no tempo porque os mesmos não foram eternizados pela escrita científica. Só a partir do século XX que começam a surgir produções de características científicas acerca dos africanismos.

Mas, o que são africanismos?

Conforme o Aurélio (2010, p. 23), significa: “Palavra ou loc. oriunda de língua africana”. Desse modo, é reiterado que temos um léxico com base na linguística africana, convém trabalhar em como essa influência permanente aconteceu. Data que foi no século XVI que começou o transporte de escravos da África para o Brasil, eram muitos e de diversos países. Como bem afirma Yeda Pessoa de Castro (s.d.), representavam as duas regiões da África Subsaariana, a banto e sudanesa. Assim,

A região banto compreende um grupo de 300 línguas muito semelhantes, faladas em 21 países: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Angola, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Malavi, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul.

Entre elas, as de maior número de falantes no Brasil foram o quicongo, o quimbundo e o umbundo. O quicongo é falado na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no norte de Angola. O quimbundo é a língua da região central de Angola. O umbundo é falado no sul de Angola e em Zâmbia. (CASTRO, s.d., p. 3).

Diante desse acontecimento fica iminente que houve um processo de contato linguístico, ocasionando também uma heterogeneidade na língua falada dos nativos, até porque os mesmos precisavam se comunicar. Ao chegarem ao Brasil, os escravos, que eram negros, se

deparam com uma língua totalmente desconhecida por eles e falada por pessoas de costumes diferentes, os índios. A priori, os indígenas seriam escravizados, mas foram classificados pelos colonizadores como trabalhadores ruins, nas palavras de Puzinato e Aguilera, o índio “[...] era considerado mau trabalhador por ser nômade e ter dificuldades para se adaptar e se fixar na lavoura” (s.d., p. 2). Com a aglomeração de todos esses povos surgiu o que é chamado de “aculturação”, que significa:

[...] (fatos que decorrem do contato dos homens que possuem culturas e línguas diferentes), pela qual cada indivíduo acaba absorvendo elementos culturais de seu meio, e daí ocorre, tipicamente, uma aprendizagem incidental, que pode envolver observação e imitação. (PUZZINATO e AGUILERA, s.d., p. 3).

Dentro dessa amplitude e genérica aculturação se encontram os africanismos, pois “A interferência lingüística é um dos aspectos da aculturação” (PUZZINATO e AGUILERA, s.d., p. 3). Sabe-se que é um fenômeno da linguagem que permeia todos os aspectos linguísticos que vão do fonológico ao léxico. No entanto, este trabalho tem como objetivo discutir as contribuições lexicais africanas ao português brasileiro, pois considera-se que é no âmbito lexical onde está o maior legado das línguas africanas, além de ser mais perceptível até para o público leigo.

O tráfico negreiro veio a ser proibido no Brasil, mas em decorrência, principalmente, da pressão exercida pela Inglaterra que já havia abolido tal prática. Assim, conforme Brasil (1988), foi em 1807 que o país europeu extinguiu o comércio de escravos, mas a escravidão só veio a ser proibida necessariamente em 1833. É diante desse processo europeizado que começa a surgir o desejo de abolição da escravidão no Brasil, mas sempre com a retórica comercial, de interesse dos próprios ingleses. Nesse sentido, Brasil (1988, p. 30) afirma acerca do envolvimento de interesses: “Em troca do apoio à dinastia portuguesa de Bragança, o governo inglês obteve uma série de concessões econômicas e políticas, entre as quais a promessa de abolição gradual do trabalho escravo e a limitação do tráfico às colônias portuguesas na África”. Dessa forma, é possível afirmar que o trabalho escravo já caía em descrédito e já não tinha tanto rendimento de comércio como no início, até pelo fato de ter surgido grupos organizados de escravos lutando pelos seus direitos, dentre eles, o de liberdade. Sabe-se que o fim da escravidão nesses moldes passou por etapas, e o término do tráfico negreiro é uma delas:

A partir de 1822, a Inglaterra passou a pressionar diretamente o Brasil. Aproveitando-se da necessidade do governo brasileiro de reconhecimento da independência, a

habilidosa diplomacia inglesa patrocinou a assinatura, em 1825, do Tratado de Paz e Amizade, entre os reinos de Portugal e do Brasil. No ano seguinte, a Inglaterra firmaria com o Brasil uma Convenção reconhecendo a independência, mas estipulando o prazo de três anos após a sua ratificação (que ocorreu em 1827), para o encerramento do tráfico. Um artigo adicional à Convenção ampliava por quinze anos, a começar de 1830, o direito de visita aos navios brasileiros. Estes podiam ser apreendidos, caso tivessem equipamentos ou quaisquer vestígios de tráfico de escravos. (BRASIL, 1988, p. 30).

Do século XVI ao XIX foi constatada essa prática de traficar pessoas oriundas da África, ou seja, um tempo considerável para que haja mudanças de costumes entre esses povos, tanto dos que vinham quanto dos que aqui já estavam. Portanto, corrobora-se com Mendonça (2012, p. 80), ao constatar que “O negro influenciou sensivelmente a nossa língua popular. Um contato prolongado de duas línguas sempre produz em ambas fenômenos de osmose”, ou seja, aculturação.

O trabalho escravo foi proibido depois do tráfico negreiro. Aqui no Brasil, este movimento tornou-se cada vez mais necessário, ao ponto que em 1887 haviam fazendeiros que chegaram a libertar alguns de seus escravos, pois não estavam conseguindo impedir que os mesmos fugissem, como bem afirma Brasil (1988). É diante desses acontecimentos que o movimento de abolição vem a acontecer, tornando-se realidade em 13 de maio de 1988, com a chamada Lei Áurea, sancionada pela Princesa Isabel. Porém, não foi unanimidade, haja vista os dois projetos da época, em que um abolia a escravidão com condições, defendido pelos conservadores, e o outro definitivamente, defendido pelos liberais. Assim, fica sabido que este último “[...] foi aprovado, com votos contrários apenas na Câmara dos Deputados” (BRASIL, 1988, p. 40).

Durante essas décadas, ficou consolidado a necessidade de adaptação dos africanos. Diante disso, os africanismos firmaram-se enquanto dialetos falados no português brasileiro, como se tal fosse. Por isso, torna-se necessário uma discussão desse contato linguístico com o surgimento de palavras que ficaram e permaneceram até os dias atuais. Cita-se, então, palavras como *fubá*, *mandinga*, *quilombo*, dentre tantos outros léxicos que contribuem significativamente para o enriquecimento do português do Brasil. Ressalta-se, ainda, que as palavras mencionadas fazem parte do uso cotidiano do povo, no entanto, não é de conhecimento de todos de onde as mesmas originaram-se. Dessa maneira, no próximo tópico, serão abordados alguns vocábulos que não são de uso comum e que, portanto, chamam a atenção enquanto suas origens e os seus significados.

ANÁLISE DO CORPUS

Falar de léxico consiste em trazer vocábulos que estão na língua portuguesa enquanto palavra, sem se ater às modificações fonológicas. Embora essas duas teorias tenham como característica elementos culturais, não se pretende, com isso, averiguar quais sejam estes elementos. Por léxico, conforme o Aurélio, em sua terceira acepção, designa-se: “[...] O conjunto das palavras usadas numa língua, ou num texto, ou por um autor” (2010, p. 465).

Os africanismos subdividem-se em diversos falares, haja vista a quantidade de línguas que possui o continente africano, outrora caracteriza-se como mais uma problemática no que tange aos estudos científicos sobre tal questão. Mesmo assim, é possível chamar a atenção para a língua banto, que conforme Castro (s.d.) se caracteriza principalmente pela sua antiguidade, fato que revela uma maior influência no português do Brasil, ao ponto de substituir a palavra equivalente na língua portuguesa, como por exemplo: “bunda por nádegas” (CASTRO, s.d., p. 7). Dito isto, é sabido que no Brasil há influências de muitas delas, cita-se com maior precisão, as mais representativas pela sua quantidade:

[...] maior número de falantes no Brasil foram o quicongo, o quimbundo e o umbundo. O quicongo é falado na República Popular do Congo, na República Democrática do Congo e no norte de Angola. O quimbundo é a língua da região central de Angola. O umbundo é falado no sul de Angola e em Zâmbia. (CASTRO, s.d., p. 3).

Ambas apresentam especificações que modificaram e/ou acrescentaram à língua denominada portuguesa. Nesse sentido, as mesmas se encaixam em três variadas conceituações, conforme Bonvini:

- a) Palavras de origem africana chegaram ao Brasil e mantiveram, integral ou parcialmente, seu som e seu sentido inicial de partida.
- b) Palavras de origem africana chegaram ao Brasil, mas desprovidas de seu sentido “africano” inicial, tendo adquirido, desde sua chegada, um sentido diferente e novo. Por isso seu sentido de origem, não tendo chegado ao Brasil, teria ficado do outro lado do Atlântico.
- c) O sentido inicial de partida, isto é, aquele atestado no continente africano, teria chegado ao Brasil, mas sem o vocábulo africano que lhe servia de suporte. Seria este último, desta vez como suporte, que teria ficado na África. (BONVINI, 2008, p. 122).

Dessa forma, em 2018, o samba-enredo da escola de samba carioca Paraíso do Tuiuti chamou a atenção do mundo, e não apenas pelo seu aporte crítico em relação ao caos político brasileiro, mas principalmente pelo esclarecimento de onde viemos. Com uma letra impávida,

dos compositores Claudio Russo, Moacyr Luz, Dona Zezé, Jurandir e Aníbal¹, nos fez diversos questionamentos sociais e históricos. A seguir, em destaque, estão algumas palavras desconhecidas do senso comum:

Irmão de olho claro ou da **Guiné**
Qual será o valor? Pobre artigo de mercado
Senhor eu não tenho a sua fé, e nem tenho a sua cor
Tenho sangue avermelhado
O mesmo que escorre da ferida
Mostra que a vida se lamenta por nós dois
Mas falta em seu peito um coração
Ao me dar escravidão e um prato de feijão com arroz

Eu fui **mandinga, cambinda, haussá**
Fui um **Rei Egbá** preso na corrente
Sofri nos braços de um capataz
Morri nos canaviais onde se planta gente
Ê calunga! Ê ê calunga!
Preto Velho me contou, **Preto Velho** me contou
Onde mora a senhora liberdade
Não tem ferro, nem feitor

Amparo do rosário ao **negro Benedito**
Um grito feito pele de tambor
Deu no noticiário, com lágrimas escrito
Um rito, uma luta, um homem de cor
E assim, quando a lei foi assinada
Uma lua atordoada assistiu fogos no céu
Áurea feito o ouro da bandeira
Fui rezar na cachoeira contra bondade cruel

¹ Disponível em: <: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/paraiso-do-tuiuti-veja-a-letra-do-samba-enredo-para-o-carnaval-2018.ghtml>> Acesso em: 02 jul. 2018.

Meu Deus! Meu Deus!
Se eu chorar não leve a mal
Pela luz do candeeiro
Liberte o cativo social
Não sou escravo de nenhum senhor
Meu Paraíso é meu bastião
Meu Tuiuti o quilombo da favela
É sentinela da libertação²

Na primeira estrofe, chama a atenção a palavra “Guiné” para representar o país da costa oeste da África. A Guiné representou um importante polo de tráfico de escravos em decorrência de sua localização geográfica e por possuir o forte de Arguim, na ilha de mesmo nome. Conforme Mendonça (2012), foi da ilha de Arguim que saíram os primeiros escravos para Portugal, o que veio a se tornar uma prática sucessiva, pois “Pouco depois se iniciava a remessa direta de escravos para o Brasil e os primeiros negros da Guiné vieram em 1538 trazidos por um navio pertencente a Jorge Lopes Bixorda, arrendatário da colônia” (MENDONÇA, 2012, p. 46). A Guiné é um dos países mais pobres do mundo, onde “O Índice de Desenvolvimento (IDH) [...] está entre os 15 menores – 0,340. A maioria da população vive com pouco mais de 1 dólar por dia³” e, conforme o mesmo site, a economia está baseada principalmente na exploração de minérios. Ainda, o país está em uma ditadura desde 2008.

Por conseguinte, “mandinga” classifica uma das maiorias étnicas existente na própria Guiné. Portanto: “Indivíduo dos mandingas, raça de negros cruzada com elementos berbere-etíópicos (os mandingas eram considerados grandes mágicos ou feiticeiros). Língua muito falada na África ocidental⁴”. Este vocábulo ganhou uma adaptação semântica no Brasil por conta das características de seu povo na África, tanto que o Aurélio (2010, p. 485) diz: “[...] feitiçaria”, e é somente a isto que remete a palavra “mandinga” ao senso comum. É sabido, também, que no vocabulário dos capoeiristas este léxico tem sentido de surpresa quando os

² Disponível em: < <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/paraiso-do-tuiuti-veja-a-letra-do-samba-enredo-para-o-carnaval-2018.ghtml> > Acesso em: 02 jul. 2018.

³ Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/guine.htm>> Acesso em: 10 ago. 2018.

⁴ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mandinga/>> Acesso em: 10 ago. 2018.

mesmos surpreendem o adversário com um golpe. “Cambinda” e/ou “Cabinda”? Em comum, as duas não estão dicionarizadas no Aurélio. Cabinda é uma província que pertenceu à República do Congo, antigo reino, até por volta do século XVII. Atualmente, conta com 170 mil habitantes, tem na indústria, minérios e produção agrícola a sua principal fonte de renda. De lá vieram muitos escravos trazidos pelos portugueses para o Brasil. “Cambinda”, como se apresenta no texto dos compositores, pode estar se referindo a uma tradição religiosa dos africanos, conforme Mendonça (2012, p. 93), “Maria Cambinda era outra tradição africana, calunga carregada em cortejo pelos negros”. “Haussá” descreve “[...] povo negróide da Nigéria e proximidades do Sudão (África)⁵”, enquanto que “Egbá” corresponde às pessoas que residem também na Nigéria, só que no sudoeste deste país. Portanto, compreende-se que o samba-enredo aqui em destaque detalha alguns dos povos africanos que vieram à força por conta da escravidão e acabaram contribuindo com a formação lexical do Brasil.

Ainda na segunda estrofe, há a presença de palavras pouco utilizadas no cotidiano do povo brasileiro. O dicionário Aurélio (2010, p. 129) define “calunga” como: “[...] bonequinho”, no entanto, quanto à sua origem, significa: “ETIM .: M. Soares deriva do quimbundo kalunga, mar, nome que os negros aplicaram ao deus incognoscível dos missionários e para eles vago como a extensão do mar. Representavam-no por figuras e bonecos” (MENDONÇA, 2012, p. 135). “Preto velho” é uma expressão para designar seres espirituais da religião Umbanda, em sua maioria, representam espíritos de escravos que já morreram e que são invocados para passar sabedoria em momentos conflituosos⁶.

O “negro Benedito” é uma referência a um santo da religião católica, exaltado no samba por ser negro e filho de escravos, é conhecido como São Benedito, Negro ou o Santo Negro⁷. O São Benedito foi cultuado no Brasil primeiramente pelos escravos, pois até então era desconhecido dos devotos do país.

No próprio nome da escola de samba carioca há um nome que chama a atenção, “tuiuti”. Esta palavra pertence ao tupi e se origina de “tuim”, que, como bem afirma o Aurélio, significa: “[...] ave psitacídea pequenina, com cerca de 26g, que vive em bandos” (2010, p. 762). A escola é apelidada de “O Quilombo da favela”, o que demonstra sua aptidão por críticas sociais. “Quilombo” tem origem na língua africana quimbundo, já mencionada anteriormente,

⁵ Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/haussa/> > Acesso em: 10 ago. 2018.

⁶ Informações coletadas do site: < www.girasdeumbanda.com.br > Acesso em: 15 ago. 2018.

⁷ Informações coletadas do site: < <http://franciscanos.org.br/?p=59588> > Acesso em: 15 ago. 2018.

e deu nome às comunidades formadas por escravos que fugiam de seus senhores, tornando-se, mais tarde, um símbolo de resistência ao período escravocrata.

Diante do que foi citado, torna-se uma falácia creditar o nosso português genuinamente ao de Portugal. É considerado através de tais léxicos aqui mencionados, e diante de tantos outros, que a África é um berço do nosso vocabulário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Faz-se necessário uma maior discussão acerca da formação do português brasileiro, para que este não seja creditado apenas aos nossos colonizadores. Ainda, incluir neste debate a contribuição significativa do tupi.

Sabe-se que, na África, há uma aglomeração de idiomas representados pelo seu povo, como bem afirma Mendonça (2012, p. 60): “Em todo o caso, o trabalho isolado, de alguns escritores, dignos de confiança, interpreta um pouco esse caos linguístico”, fato que, de certa forma, impossibilitou pesquisas mais aprofundadas para confirmar o dito no primeiro parágrafo. Contudo, não se nega a influência de vocábulos africanos na linguagem do povo brasileiro. A Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que torna obrigatória a temática da “História e Cultura Afro-Brasileira” nas escolas não é suficiente para uma abrangência dessa magnitude, pois tratar do léxico africano no falar do brasileiro requer conhecimento apurado, muito em decorrência dessa heterogeneidade linguística com a qual fomos formados.

É oportuno ressaltar, ainda, o combate ao preconceito racial a partir do momento que se considera que falamos um dialeto que veio de lá. Nesse sentido, desmorona o conceito criado ao longo de décadas de que da África só herdamos os negros escravizados em senzalas.

Os livros didáticos devem abrir espaço para esta discussão, com proposições que incluam o aluno no debate consistente acerca dos africanismos, para que estes não corram o risco de se perderem na evolução temporal, visto que os estudos dos léxicos africanos na formação do português do Brasil ainda estão restritos aos centros universitários, sendo que ainda apresenta um número pequeno de estudiosos neste campo tão importante para a constituição do nosso falar.

REFERÊNCIAS

AS GIRAS DE PRETOS VELHOS. Disponível em: <
<http://www.girasdeumbanda.com.br/entidades/pretos-velhos/>> Acesso em: 15 ago. 2018.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Africanismos no português do Brasil. **Rev. de Letras** - Vol. 30 - 1/4 - jan. 2010/dez. 2011. Disponível em: <
http://www.revistadeletras.ufc.br/Revista%20de%20Letras%20Vol.30%-201.4%20-%20jan.%202012%20.%20dez.%202011/r130art01_Africanismos_no_portugues_do_Brasil.pd> Acesso em: 12 jul. 2018.

BONVINI, Emílio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. **África no Brasil: a formação da língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 101-144.

BRASIL. Para uma história do negro no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1988. 64 p. Disponível em: <
http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_iconografia/icon1104317/icon1104317.pdf> Acesso em: 20 jul. 2018.

CASTRO, Yeda Pessoa de. A influência das línguas africanas no português brasileiro. Disponível em: < <http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/documentos/linguas-africanas.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio:** o dicionário da língua portuguesa. Coordenação: Marina Baird Ferreira. 8. ed. ver. atual. Curitiba: Positivo, 2010. 960 p.

FRANCISCO, Wagner de Cerqueira e. "Guiné"; Brasil Escola. Disponível em <
<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/guine.htm>>. Acesso em 10 de ago. 2018.

HAUSSÁ. Disponível em: < <https://www.dicio.com.br/haussa/>> Acesso em: 10 ago. 2018.

MANDINGA. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/mandinga/>> Acesso em: 10 ago. 2018.

MENDONÇA, Renato. A influência africana no português do Brasil. Brasília: FUNAG, 2012. 200 p.

PARAÍSO DO TUIUTI: veja a letra e ouça o samba-enredo do carnaval 2018. Disponível em: < <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2018/noticia/paraiso-do-tuiuti-veja-a-letra-do-samba-enredo-para-o-carnaval-2018.ghtml>> Acesso em: 02 jul. 2018.

PUZZINATO, Ana Paula; AGUILERA, Vanderci de Andrade. A presença de africanismos na língua portuguesa do Brasil. Disponível em:

<<http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1-2006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf>>
Acesso em: 12 jul. 2018.

SÃO BENEDITO. Disponível em: <<http://franciscanos.org.br/?p=59588>> Acesso em: 15 ago. 2018.